

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

Da pornografia “genérica” à pornografia infantil – trajetórias e padrões de consumo autorrevelados

Ana Rita Henriques Meira

M

2020



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**DA PORNOGRAFIA “GENÉRICA” À PORNOGRAFIA INFANTIL –
TRAJETÓRIAS E PADRÕES DE CONSUMO AUTORREVELADOS**

Ana Rita Henriques Meira

Novembro, 2020

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia,
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do
Porto, orientada pela Professora Doutora **Celina Manita**
(F.P.C.E.U.P.).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À professora Doutora Celina Manita, pelas críticas construtivas e pelas sugestões de melhoria que permitiram o desenvolvimento desta dissertação.

Ao meu namorado, por ter sido a minha maior força neste percurso e por me ter ajudado não só a nível emocional como ao nível da construção da tese. Foi o meu suporte e a minha motivação para continuar sem nunca desistir.

Aos meus pais, por toda a força que sempre me transmitiram.

À Tânia, à Maria, à Marília e à Carolina, por todo o apoio durante este percurso e pela partilha de experiências e conhecimentos.

A todos os participantes que responderam ao questionário e contribuíram para a realização deste estudo.

Resumo

Nos últimos anos, os conteúdos pornográficos, amadores ou emanados da indústria pornográfica, foram dos mais desenvolvidos, partilhados e procurados na Internet. A pornografia é, hoje, produzida e partilhada em diferentes suportes e representações, e também em *chats* e outras plataformas de partilha de conteúdos em tempo real, ou ao vivo, graças a condições particulares que a Internet veio propiciar. São visionados e partilhados *online* conteúdos pornográficos genéricos, mas também conteúdos desviantes e criminais, como a pornografia de adultos envolvendo atos não consensuais e a pornografia envolvendo menores de idade, um crime muito grave que tem exigido a criação de forças policiais e meios de investigação criminal altamente especializados e o desenvolvimento de redes de apoio às crianças vítimas. Por tudo isto, a pornografia, sobretudo a pornografia infantil, tem suscitado inúmeros debates, não só por parte da sociedade em geral, mas também da comunidade académica, sendo já vasta a produção científica internacional sobre este fenómeno.

Em Portugal, porém, é ainda escassa a investigação neste domínio. O presente estudo procurou, assim, colmatar essas lacunas de conhecimento, procurando caracterizar padrões e trajetórias de consumo de diferentes tipos de pornografia (regularidade, tipo de pornografia, motivações para o uso, etc.), incluindo pornografia que envolva menores de idade, numa amostra não forense. Os dados foram recolhidos através do preenchimento de um questionário, construído especificamente para este estudo, e aplicado online. A amostra final deste estudo é constituída por 335 sujeitos, sendo 223 do sexo feminino e 109 do sexo masculino, com uma média de idades de 29 anos. Foi possível verificar que a maioria dos inquiridos já consumiu pornografia, pelo menos uma vez na vida (81.8%), sendo que a maioria o fez antes dos 18 anos, com uma média de idades para a primeira visualização de 16 anos. Paralelamente, um terço da amostra revelou já ter tido contacto, mesmo que acidentalmente, com pornografia infantil, o que constitui um importante sinal de alerta para os riscos associados ao uso da Internet e para a facilidade com que, atualmente, se pode encontrar estes conteúdos ilícitos e abusivos. Este é um dos dados que consideramos mais importantes no nosso estudo e que nos levará a aprofundar esta questão em estudos futuros. Foram encontradas algumas associações estatísticas para as variáveis sexo e idade.

Palavras-chave: Pornografia; Pornografia infantil; Internet; Redes Sociais; Padrões de uso

Abstract

In recent years, pornographic content, either amateur or emanating from the porn industry, has been among the most developed, shared and searched on the Internet. Nowadays, pornography is produced and shared on different media and representations, including photographs, videos, movies, texts, but also in chats and other content sharing platforms in real time, or live, thanks to the particular conditions that the Internet has enabled. Generic pornographic content is viewed and shared online, but also deviant and criminal content, such as adult pornography involving non-consensual acts and pornography involving minors, a very serious crime that has required the creation of police forces and highly specialized means of criminal investigation and the development of support networks for child victims.

For all these reasons, pornography, especially child pornography, has sparked countless debates, not only by society in general, but also by the academic community, resulting in vast international scientific production regarding this phenomenon. In Portugal, however, research in this field is still scarce. Thus, the present study sought to fill these knowledge gaps, seeking to characterize patterns and trajectories of consumption of different types of pornography (regularity, type of pornography, motivations for use, etc.), including pornography involving minors, in a non-forensic sample.

Data were collected by filling out a questionnaire, developed specifically for this study, and applied online. The final sample of this study consists of 335 subjects, 223 female and 109 male, with an average age of 29 years. It was possible to verify that the majority of respondents have already consumed pornography, at least once in their life (81.8%), with the majority having done so before the age of 18, with an average age of 16 years for the first viewing. At the same time, a third of the sample revealed that they had previous contact, even if accidentally, with child pornography, which is an important warning sign for the risks associated with the use of the Internet and for the ease with which these illicit and abusive contents can currently be found. We consider this finding one of the most important in our study and it will lead us to deepen this issue in future studies. Some statistical associations were found for the sex and age variables.

Keywords: Pornography; Child pornography; Internet; Social Networks; Usage patterns

Résumé

Les contenus pornographiques, soit-il amateur ou émanant de l'industrie du porno, sont parmi les plus développés, partagés et recherchés sur Internet au long des dernières années. Aujourd'hui, la pornographie est produite et partagée sur différents supports et représentations, ainsi que sur des chats et autres plateformes de partage de contenu en temps réel, ou en direct, grâce aux conditions particulières que l'Internet a engendrée. Des contenus pornographiques génériques divers sont vus et partagés en ligne, mais aussi des contenus déviant et criminel, comme la pornographie d'adultes impliquant des actes non consentis et la pornographie avec des mineurs, un crime très grave qui a conduit à la création de forces de police hautement spécialisées et au développement de réseaux de soutien aux enfants victimes.

Pour toutes ces raisons, la pornographie, en particulier la pornographie infantile, a suscité d'innombrables débats, non seulement de la société en général, mais aussi de la communauté académique, avec une production scientifique internationale sur ce phénomène déjà vaste. Au Portugal, cependant, la recherche dans ce domaine est encore rare. La présente étude a, donc, essayé de combler ces lacunes de connaissances, en cherchant à caractériser les pratiques (régularité, type de pornographie, motivations d'utilisation, etc.) et les trajectoires de consommation de différents types de pornographie, y compris la pornographie impliquant des mineurs, dans un échantillon non médico-légal.

Les données ont été collectées en remplissant un questionnaire, construit spécifiquement pour cette étude, et appliqué en ligne. L'échantillon final de cette étude se compose de 335 sujets, 223 femmes et 109 hommes, âgés en moyenne de 29 ans. Il a été possible de vérifier que la majorité des répondants ont déjà consommé de la pornographie, au moins une fois (81,8%), la majorité l'ayant fait avant les 18 ans, avec un âge moyen pour la première visualisation de 16 ans. Au même temps, un tiers de l'échantillon a révélé avoir déjà eu des contacts, même qu'accidentels, avec de la pornographie de mineurs, un signe d'alerte très important pour les risques liés à l'utilisation d'Internet et pour la facilité avec laquelle ces contenus, criminels, peuvent actuellement être trouvés. Certaines associations statistiques ont été trouvées pour les variables sexe et âge.

Mots-clés: Pornographie; Pornographie infantile; Internet; Réseaux sociaux ; Usages

Índice

Índice de Tabelas	ix
Introdução	1
1. Enquadramento Teórico-Conceptual	4
1.1 Internet e Consumo de Pornografia	4
1.2 Pornografia.....	7
1.3 Pornografia Infantil.....	9
2. Estudo Empírico	13
2.1 Objeto e Objetivos.....	13
2.2 Metodologia	13
2.2.1 Instrumento e Procedimentos	14
2.3 Apresentação dos Resultados.....	16
2.3.1 Caracterização da Amostra.....	16
2.3.2 Análise Descritiva.....	16
2.3.2 Análise Inferencial.....	19
<i>Associações em função do sexo</i>	19
<i>Comparações em função da idade</i>	23
3. Discussão dos resultados e conclusões	25
Críticas / limitações e sugestões para o futuro	Erro! Marcador não definido.
Referências Bibliográficas.....	29
ANEXOS.....	38
ANEXO A- Consentimento e Questionário	38

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Sexo * Habitualmente acede à internet para ver pornografia.....	20
Tabela 2 - Associações entre as variáveis Sexo * Algumas vez visualizou / consumiu pornografia ou conteúdos pornográficos	20
Tabela 3 - Associações entre as variáveis Sexo * Quando consome materiais pornográficos fá-lo sozinho/a	21
<i>Tabela 4 - Associações entre as variáveis sexo*atos sexuais heterossexuais.....</i>	<i>21</i>
<i>Tabela 5 - Associações entre as variáveis sexo*atos sexuais homossexuais femininos</i>	<i>22</i>
<i>Tabela 6 - Associações entre as variáveis sexo*atos sexuais BDSM.....</i>	<i>22</i>

Introdução

O surgimento e desenvolvimento da Internet e das novas tecnologias de informação e comunicação promoveu, na sociedade contemporânea, uma das maiores revoluções ao nível das práticas (laborais, de ensino-aprendizagem, tecnológicas, científicas, lúdicas, entre muitas outras), dos conhecimentos e da partilha de informação, da comunicação e da relação interpessoal, criando novos estilos de vida, gerando potencialidades infinitas. Uma das dimensões que mais se transformou, com o acesso generalizado e de baixo custo à Internet e a multiplicação dos suportes tecnológicos que apoiam a sua utilização, foi a do relacionamento interpessoal e da partilha de conteúdos, cuja tradução máxima, atualmente, se encontra nas redes sociais e na forma como o seu uso massificado transformou a dinâmica social mundial (Harkness, Blaszczynski & Mullan, 2015; Rivera, Santos, Cabrera & Docal cit Livingstone et al, 2014; Rodrigues, Lopes, Dawson, Visser & Stulhofer, 2020). Estas modificações acarretam ganhos inestimáveis, mas também riscos, particularmente evidentes no “lado negro” da Internet (a Deep e a Dark web).

Nos últimos anos, um dos conteúdos mais desenvolvidos, partilhados e procurados na Internet foram os conteúdos pornográficos, amadores ou emanados da indústria pornográfica, com uma vertente normativa, relacionada com a dita pornografia genérica, e uma vertente desviante ou, mesmo, ilícita, da qual uma das faces mais visíveis é a pornografia infantil. Entende-se por pornografia, na presente dissertação, qualquer tipo de material que tenha como objetivo criar ou estimular fantasias e excitação sexual no consumidor, envolvendo a exposição e/ou a descrição de órgãos genitais e/ou de atos sexuais explícitos, de uma forma que muitos entendem ser obscena (nisto, distinguindo-se do erotismo, apesar de não ser consensual a classificação de conteúdos sexuais numa ou noutra categoria).

A pornografia é, hoje, produzida e partilhada em diferentes suportes e representações, através de diferentes meios, incluindo fotografias, vídeos, filmes, textos, etc. (Harkness, Blaszczynski & Mullan, 2015 cit Short, Black & Smith, 2012). Se a pornografia produzida de forma consensual para todos os intervenientes não constitui nenhum tipo de ilícito, já a pornografia de adultos envolvendo atos não consensuais ou redes de tráfico para exploração sexual e, de forma ainda mais premente, a pornografia

envolvendo menores de idade, constitui um crime muito grave. Apesar da sua natureza criminal, ela não deixa, contudo, de ser procurada, produzida e partilhada por milhares de cidadãos em todo o mundo, quotidianamente, e tem exigido a criação de forças policiais e meios de investigação criminal altamente especializados.

Por todas estas razões, a pornografia, nas suas múltiplas vertentes, tem suscitado um debate e um interesse crescentes, não só por parte da sociedade em geral, mas também da comunidade académica, sendo desenvolvidos múltiplos estudos e publicados inúmeros artigos em cada ano.

O presente estudo pretende contribuir para o aumento do conhecimento deste fenómeno. Tem como objetivo geral conhecer e caracterizar padrões de consumo de diferentes tipos de pornografia, incluindo pornografia que envolva menores de idade, numa amostra não forense, procurando, de forma mais específica, perceber (i) o tipo de conteúdos consumidos; (ii) a regularidade com que os indivíduos acedem a este tipo de conteúdos; (iii) o modo como o fazem (suporte e fontes a que recorrem, se o fazem sozinhos ou acompanhados, ...); (iv) as eventuais trajetórias de evolução da procura e do consumo, incluindo, as que conduzem à pornografia infantil; (v) se apenas consomem ou também produzem e partilham este tipo de conteúdos; e (vi) as motivações para esse consumo e/ou partilha. Analisaremos também diferentes relações entre estas variáveis. Estes constituem, assim, os nossos objetivos mais específicos.

Trata-se de um estudo atual e pertinente, dado o aumento observado nos últimos anos do consumo de pornografia infantil (e de outros crimes associados, como os de *grooming* sexual *online* e de abuso sexual de menores) e o ainda elevado desconhecimento sobre o modo como evoluem as trajetórias de consumo que levam a este fenómeno, designadamente em Portugal.

A presente dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos: enquadramento teórico, metodologia, apresentação e análise dos resultados e conclusões. No primeiro capítulo explora-se a relação entre a Internet e a produção e consumo de pornografia, o(s) conceito(s) de pornografia e os diferentes tipos de suportes e conteúdos pornográficos, terminando-se com uma análise mais aprofundada da pornografia que envolve menores de idade. No segundo capítulo são descritos os objetivos deste estudo, bem como a metodologia, instrumentos e procedimentos de recolha, tratamento e análise dos dados utilizados. No terceiro capítulo são apresentados e discutidos os principais resultados

obtidos, designadamente o perfil sociodemográfico da amostra; características dos consumidores de pornografia genérica e de pornografia que envolve menores de idade; dinâmicas e modalidades de utilização da Internet; padrões de utilização da pornografia em geral e da pornografia que envolve menores de idade, em particular; tipos de conteúdos consumidos e partilhados; motivações para o consumo de pornografia genérica e de pornografia infantil. No quarto, e último, capítulo são apresentadas as principais conclusões alcançadas.

1. Enquadramento Teórico-Conceptual

1.1 Internet e Consumo de Pornografia

O surgimento e desenvolvimento da Internet e das novas tecnologias de informação e comunicação desencadeou, como atrás foi já referido, uma das maiores revoluções ao nível das práticas (laborais, de ensino-aprendizagem, tecnológicas, científicas, lúdicas, entre muitas outras), dos conhecimentos e da partilha de informação, da comunicação e da relação interpessoal, criando novos estilos de vida, gerando potencialidades variadas. Uma das dimensões que mais se transformou, com o acesso generalizado e de baixo custo à Internet e a multiplicação dos suportes tecnológicos que apoiam a sua utilização, foi a do relacionamento interpessoal e da partilha de conteúdos, cuja tradução máxima, atualmente, se encontra nas redes sociais e na forma como o seu uso massificado transformou a dinâmica social mundial (Harkness, Blaszcynski & Mullan, 2015; Rivera, Santos, Cabrera & Docal cit Livingstone et al, 2014; Rodrigues, Lopes, Dawson, Visser & Stulhofer, 2020). Estas modificações acarretaram ganhos inestimáveis, mas também riscos, particularmente evidentes no “lado negro” da Internet (a Deep e a Dark web) e na sua utilização para fins ilícitos ou criminais.

Estes riscos foram agravados pela massificação do uso das redes sociais e pela sua utilização em idades cada vez mais precoces, pelo surgimento salas de *chat* e outras funcionalidades que, se por um lado são uma vantagem na comunicação e partilha com outras pessoas, por outro lado, constituem uma porta de acesso para comunicações e interesses desapropriados, abusivos, criminais (se a pessoa o quiser, de forma anónima, ou criando uma identidade diferente, ajustada aos seus interesses e objetivos).

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e o aparecimento dos smartphones, tablets, computadores, paralelamente ao aparecimento das aplicações e redes sociais, conhecer novas pessoas, consumir, produzir e partilhar conteúdos sexuais tornou-se muito mais simples. Tudo aquilo que na vida real possa reprimir a expressão de desejos ou comportamentos, não aceites pela sociedade, passa a ser possível no mundo *online*, já que a privacidade e o anonimato o facilitam ou permitem. Entre estes comportamentos está o consumo, a produção e a partilha de pornografia. Entende-se por pornografia, na presente dissertação, qualquer tipo de material que tenha

como objetivo criar ou estimular fantasias e excitação sexual no consumidor, envolvendo a exposição e/ou a descrição de órgãos genitais e/ou de atos sexuais explícitos, de uma forma que muitos entendem ser obscena (nisso, distinguindo-se do erotismo, apesar de não ser consensual a classificação de conteúdos sexuais numa ou noutra categoria). Considera-se pornografia infantil tudo o que seja produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente, como pornografia infantil (Gillespie, 2010).

As novas tecnologias permitiram, através do seu caráter anónimo, potenciar uma maior exploração dos interesses sexuais por menores de idade, bem como concretizá-los. O aparecimento das redes sociais e de outros *sites/chats* de encontros ou partilhas de diferentes tipos de conteúdos oferece-lhes espaço e tempo para explorar todos os conteúdos desejados e, possivelmente, descobrir mais (Smutny & Sulc, 2018).

A relação entre o consumo de conteúdos pornográficos envolvendo menores de idade e o fenómeno do *grooming* sexual é já algo bem estudado e comprovado na literatura científica. Segundo várias pesquisas, estes fenómenos fundem-se frequentemente, já que muitos dos consumidores de pornografia infantil tentam procurar menores nas redes sociais para iniciar conversas de teor sexual, os chamados *groomers* sexuais, e muitos destes, para além de consumirem pornografia infantil, recorrem a ela para a dessensibilização das vítimas, ou seja, para colocar a criança mais à vontade face a conteúdos sexuais, tanto diálogos, como imagens (desenhos, fotografias, vídeos) (Yar, 2013 citando O'Connell, 2003).

Assim, a panóplia de conteúdos e materiais disponíveis, não só nas redes sociais, mas em muitos outros *sites*, permite o acesso a praticamente tudo o que é desejado. As redes sociais são um dos meios utilizados pelos *groomers*, pois permite-lhes não só selecionar as vítimas, tendo em conta o seu perfil disponível, mas também permite-lhes ocultar a sua verdadeira identidade (Whittle, Hamilton-Giachritsis, Beech, & Collings, 2013). A possibilidade de uma mudança continuada e fluida de identidade permite ao *groomer* abordar novas vítimas ou, mesmo, vítimas já anteriormente aliciadas por si (Branca, Grangcia & Cruz, 2016). Esta modificação permite-lhe moldar a sua identidade, de modo a alcançar mais eficazmente o seu objetivo, por exemplo, modificar a sua idade, demonstrar interesses e gostos semelhantes aos do seu alvo, entre outros elementos (Eneman, Gillespie & Bernd, 2010).

Deste modo, o facto de ser possível disponibilizarmos uma série de informações a nosso respeito e acerca do ambiente à nossa volta, torna-nos muito mais vulneráveis, muitas vezes sem termos consciência disso. Para além disto, a vulnerabilidade das crianças/jovens é mais elevada quando não existe uma supervisão por parte dos pais/cuidadores (Whittle, Hamilton-Giachritsis, Beech, & Collings, 2013).

O anonimato, bem como a possibilidade de criar diferentes tipos de identidade, permite ao utilizador explorar pensamentos, fantasias, identidades sexuais que não tinham sido ainda explorados e que de outro modo não seriam (Egan, Hoskinson, & Shewan, 2011). Para além disto, a pessoa passa a expressar de forma livre o que pensa, sente ou deseja, sem qualquer tipo de responsabilidade. Por isso mesmo se olha para a identidade *online* como uma entidade fluida e não fixa, já que pode ser continuamente alterada e ajustada aos objetivos do utilizador (Jewkes, 2010). No que toca a aspetos mais complexos, como o interesse sexual, os sentimentos de segurança e confiança que a internet suscita tornam muito mais fácil a aproximação e atuação dos *groomers* e dos consumidores de pornografia infantil (Egan, Hoskinson, & Shewan, 2011).

Suler (2004) fala do efeito de desinibição online que se refere ao modo como a mesma pessoa se pode comportar de diferentes formas, tendo em conta o contexto no qual se encontra (*online vs offline*). Assim, segundo o autor, a interação de seis fatores - anonimato dissociativo, invisibilidade, assincronia, introjeções solipsísticas, imaginação dissociativa e minimizações de autoridade - entre si, levarão que a pessoa se sinta mais desinibida online do que quando se apresenta no mundo offline. Igualmente, Cooper (1998) descreve o conceito de “Triples-A-Engine” com o fim de explicar a atratividade da internet para os criminosos sexuais. Este autor refere que o conceito engloba três características fundamentais que caracterizam o mundo da internet - a viabilidade, a acessibilidade e o anonimato. Estas três características levam a que este seja um dos meios preferenciais para a prática deste tipo de crimes.

Nessa mesma linha, Griffiths (2000) propõe uma distinção dos diferentes crimes que podem ser perpetrados, propondo duas categorias distintas: uma onde se encontram a exibição, descarregamento e distribuição de material sexual ilegal e noutra que engloba a intimidação sexual de um indivíduo com vista à obtenção de prazer/estimulação sexual. Mitchell, Haw, Pfeifer, & Meissner (2005) identificaram cinco comportamentos característicos dos ofensores sexuais de crianças que atuam através da internet: a preparação de menores para futuras ofensas sexuais; a produção e/ou venda de material

sexualmente explícito envolvendo menores; a organização de encontros presenciais com os menores e recompensar as vítimas.

1.2 Pornografia

Entende-se por pornografia, na presente dissertação, qualquer tipo de material que tenha como objetivo criar ou estimular fantasias e excitação sexual no consumidor, envolvendo a exposição e/ou a descrição de órgãos genitais e/ou de atos sexuais explícitos, de uma forma que muitos entendem ser obscena (nisso, distinguindo-se do erotismo, apesar de não ser consensual a classificação de conteúdos sexuais numa ou noutra categoria) (Reid, Li, Gililand, Stain & Fong, 2011 cit Sorheim-Nilsen & Stigum, 2006). Estes conteúdos podem ser representados sob a forma de imagens ou palavras, que podem ser acedidos em diferentes meios, tais como sites ou revistas pornográficas (McKee, Byron, Litsou & Ingham, 2020).

A indústria pornográfica tem-se modificado ao longo do tempo. No passado, esta estava limitada a revistas ou vídeos pornográficos. Algum tempo depois surgiram os canais televisivos, onde a pessoa poderia aceder aos mesmos sem sair de casa. Atualmente, com o desenvolvimento da internet e a introdução da pornografia na mesma, esta tornou-se muito mais acessível e grátis (Morichetta, Trevisan & Vassio, 2019).

Com a introdução da pornografia na Internet, ela encontrou espaço para se desenvolver e expandir, para encontrar novos públicos-alvo, para se tornar mais acessível, menos estigmatizante e, em muitos espaços, mais barata, o que levou a uma crescente utilização ao longo dos anos (McNair, 2013). A teoria dos três fatores ou “Triple-A” explica isso mesmo. Segundo esta, a internet revolucionou a indústria pornográfica através da acessibilidade (Acessibility) já que milhões de *sites* com conteúdos pornográficos estão disponíveis 24h por dia, sendo uma parte deles gratuitos (Affordability), mantendo a identidade do consumidor anónima (Anonymity), caso este o deseje (Cooper, Delmonico, & Burg, 2007). Para além disto, não foi só a indústria pornográfica profissional que se desenvolveu, a internet possibilitou também o crescimento de uma nova vertente: a pornografia amadora. Esta tem vindo a crescer substancialmente ao longo dos tempos, onde qualquer pessoa pode gravar vídeos com conteúdos sexuais e enviar para os diversos *sites* existentes. Estes conteúdos variam muito, desde vídeos com conteúdos mais simples (masturbação, relações sexuais com um

parceiro) até vídeos com performances mais elaboradas. As motivações para este tipo de pornografia variam muito desde a procura de emoções pela publicação de um vídeo que será público; ter a admiração de quem consome esses vídeos e a satisfação de se expressar sexualmente (Paasonen, 2010; Ruberg, 2016)

O estudo da pornografia, bem como os debates acerca do seu consumo, têm vindo a aumentar ao longo do tempo. Os discursos que, no passado, se focavam quase exclusivamente nos efeitos negativos que este consumo poderia ter, passam hoje a olhá-lo de outro prisma, mais positivo, reconhecendo-lhe alguns benefícios. Este interesse científico crescente justifica-se também pela necessidade de uma melhor compreensão do fenómeno da pornografia, isto é, entender como esta é interpretada e percebida pelas pessoas que a consomem (Morris, 2015). Fundamentalmente, os estudos dividem-se entre uma corrente crítica do consumo de pornografia, referindo apenas os efeitos negativos que o seu consumo pode ter, e uma corrente mais positiva e suportativa, que sublinha também alguns dos benefícios que o seu consumo pode comportar.

Numa perspetiva mais negativa, alguns estudos afirmam que o consumo da pornografia promove comportamentos e atitudes em relação ao sexo desajustadas ou, mesmo, violentas, já que a pessoa poderá replicar esses mesmos comportamentos na sua vida, normalizando-os, mesmo que estes sejam inaceitáveis, como por exemplo, o sexo não consentido. Para além disto, estudos indicam também que a visualização de pornografia pode resultar em certos comportamentos de risco (como sexo sem proteção, sexo com múltiplos parceiros, etc) fruto da aprendizagem (McCormack & Wignall, 2017). Outros estudos, contudo, não encontram evidências de que a exposição à pornografia online resulte em comportamentos de riscos (Luder et. al, 2011). Para além disto, a literatura também indica que a exposição precoce à pornografia está associada ao início precoce de atitudes sexuais mais permissivas (como por exemplo: realização de sexo anal, sexo com múltiplos parceiros; sexo associado a consumo de substâncias) e a uma maior aceitação da violência. A formulação de estereótipos também se parece associar à visualização da pornografia, onde o homem aparece como o dominante da relação. Em relação às mulheres, as pesquisas denotam que a visualização de pornografia pelo sexo feminino se associa a inseguranças no seu desempenho sexual bem como em relação à sua imagem corporal, o que conseqüentemente levará a uma diminuição da autoestima (Sun, Johnson & Bridges citando Stewart & Szymanski, 2012).

Do ponto de vista das abordagens mais positivas, alguns estudos indicam que a pornografia pode funcionar como forma de educação sexual, fornecendo informações sobre o corpo humano e sobre práticas sexuais, permitindo a exploração da sexualidade, diminuindo sentimentos de vergonha, aumentando o sentimento de competência sexual, diminuindo as inseguranças da pessoa (Mckee, Albury & Lumby, 2008; McCormack & Wignall, 2017).

Os problemas associados a um consumo excessivo de pornografia são outro tópico que tem suscitado elevado interesse na comunidade científica, procurando-se perceber quando é que o consumo de pornografia passa a ser excessivo, podendo ser considerado um problema. Assim, alguns estudos (Reid, Li, Gilliland, Stein, & Fong, 2011; Egan & Parmar, 2013; Kor, Zilcha-Mano, Fogel, Mikulincer, Reid & Potenza, 2014; Stark & Klucken, 2017) apontam alguns comportamentos que poderão indicar um consumo excessivo e, por sua vez, problemático desde o envolvimento frequente e compulsivo nesta prática, impulso frequente para o consumo que leva posteriormente ao objetivo de satisfazer esse impulso ou para tentar de alguma forma eliminar o mesmo, menor autocontrolo sobre o envolvimento nestas práticas e um envolvimento contínuo, apesar das consequências adversas que podem resultar da prática, como o sofrimento pessoal e prejuízo a nível funcional.

Para além disto, outros estudos, não se focando tanto na problemática do consumo excessivo da pornografia, centram-se nos problemas associados ao consumo de pornografia, como o aumento da prática de comportamentos sexuais de riscos (sexo sem proteção, múltiplos parceiros, sexo extraconjugal, entre outros), aumento da violência sexual, percepções mais negativas em relação às mulheres, já que na indústria pornográfica, por norma, a figura masculina aparece como dominante. Para além disto, a percepção que os vídeos pornográficos transmitem é a de que tudo é permitido, num ambiente perfeito e sem qualquer tipo de riscos (Reid, Garos & Fong, 2012).

1.3 Pornografia Infantil

Nos últimos anos, assistiu-se ao surgimento de um novo fenómeno de carácter criminal, muito preocupante: a pornografia envolvendo menores de idade na internet. Com o desenvolvimento das novas tecnologias, os computadores, tablets ou telemóveis

tornaram-se nos meios de arquivo deste tipo de conteúdos que podem ir desde imagens de menores até vídeos dos próprios abusos sexuais (Wolak, Finkelhor, & Mitchell, 2011).

Não sendo este um fenómeno novo, sendo este tipo de materiais, envolvendo menores de idade, já produzidos há muito tempo sob a forma de filmes, revistas ou livros, é agora um fenómeno que se tem alastrado, tendo um impacto muito negativo, dada a constante necessidade de produzir novos e mais variados materiais (Negredo, & Herrero, 2016). Assim, embora seja muito difícil, para não dizer impossível cessar este fenómeno por completo, a distribuição deste tipo de conteúdos poderá ser controlada através dos meios tecnológicos atualmente existentes (Westlake, 2019).

A Internet, como já referido, apresenta vantagens e desvantagens, que a fortalecem ou questionam. Por um lado, tornou-nos mais próximos de todo o conhecimento, facilitando as tarefas diárias e por isso também o nosso quotidiano. Para além disto, criou, em simultâneo, um ambiente com normas sociais menos apertadas, menos limites e menor capacidade de controlo, que permite à pessoa expressar as suas crenças, valores e estilos cognitivos sem serem censuradas. Esta é uma via facilitadora para os consumidores de pornografia infantil, que podem exprimir os seus interesses de forma mais segura (Taylor & Quayle, 2003).

Antes do aparecimento e desenvolvimento da internet, a pornografia infantil constituía um fenómeno restrito e local. Estes conteúdos não tinham tanta qualidade, eram mais caros e difíceis de obter. Com o aparecimento da World Wide Web, tudo isto se modificou, criando condições para o crescimento e alargamento deste fenómeno, ao estabelecer plataformas de partilha e consumo rápido, de baixo custo, com elevada qualidade e variedade e, sobretudo, anónimas. Tudo isto criou o terreno perfeito para que a pornografia infantil acabasse por, também ela, crescer na Internet e se tornar, atualmente, um dos mais graves problemas que a sociedade enfrenta (Taylor & Quayle citando Wortley & Smallbore, 2006). O fenómeno aumenta a cada ano que passa, nunca se obtendo um número preciso da quantidade de *sites* que oferecem estes conteúdos, nem do número de indivíduos que colecionam pornografia infantil (Taylor & Quayle, 2003).

Liu (2007) divide a pornografia em três categorias: pornografia infantil criada no computador, pornografia infantil transformada e pornografia realizada por adultos de aparência jovem. Na primeira categoria as imagens são geradas pelo computador, não envolvendo fotografias de crianças reais. Na segunda, são utilizadas fotografias de

crianças reais que são posteriormente manipuladas, de forma a não se identificar o menor. Na última categoria são utilizados adultos que aparentem uma idade mais jovem, contornando, dessa forma, a ilicitude e o potencial dano provocado a crianças.

O tipo de pornografia infantil disponível é muito variado, desde conteúdos menos explícitos, como, por exemplo, crianças em situações do quotidiano (a tomar banho, na praia, etc.), até imagens com conteúdos mais violentos, incluindo, por exemplo, simulação de afogamento, asfixia, sadismo. A maioria dos conteúdos apresenta situações de abuso sexual, violento e explícito, de crianças. Normalmente estas apresentam idades compreendidas entre os seis e os doze anos, no entanto, estão também disponíveis conteúdos com crianças com menos de três anos (Seigfried-Spellar, 2013).

Vários estudos debruçaram-se já sobre o perfil dos consumidores de pornografia infantil. Embora não se possa generalizar os dados, pois estes irão sempre depender de vários fatores, muitos dos estudos indicam que os consumidores são, na sua maioria, do sexo masculino, têm um elevado nível educacional, são socialmente isolados, vivem sozinhos, não apresentam nenhuma relação amorosa, raramente têm filhos e apresentam défices ao nível da intimidade e ao nível interpessoal (Bulten, 2009).

Segundo a literatura revista, o perfil dos agressores é bastante heterogéneo. Enquanto alguns estudos indicam que a visualização de pornografia desperta o desejo para o abuso sexual, já que o desejo do abuso estará implícito no uso de pornografia. Outros estudos indicam que esta diminui este impulso para a ofensa sexual, funcionando como um substituto do abuso, pois como os agressores respondem às suas necessidades e desejos pela visualização dos conteúdos que lhes despertam prazer, o seu comportamento estará mais controlado. Contudo, parece haver uma interseção entre a pornografia infantil e o abuso sexual por contacto, já que a pornografia pode ser utilizada para a dessensibilização da criança, para posteriormente perpetrar o abuso (Webb, Craissati & Keen, 2007).

Para além disto, a forma como atuam também varia muito. Alguns infratores atuam tanto *online* como *offline*, enquanto outros parecem ofender exclusivamente num destes meios. Muitos deles utilizam o meio *online* para depois atuar no mundo *offline* (Endrass, Urbaniok, Hammermeister, Benz, Elbert, Lawbacher & Rossegegger, 2009).

São vários os motivos que levam os indivíduos a procurar este tipo de conteúdos. Alguns dos motivos apontados em alguns estudos são: o consumo para excitação sexual;

promoção de contactos sociais *online* com outros adultos que apresentam os mesmos interesses; como escape aos problemas do quotidiano; forma de exploração de preferências sexuais; acesso accidental; curiosidade; dependência por este tipo de materiais; dessensibilização da vítima; modelo para o abuso sexual na vida real; meio de chantagear uma vítima e para fins comerciais (Merdian, Wilson, Thakker, Curtis & Boer, 2013).

A existência deste tipo de material *online* funciona como uma forma de validação e justificação para o comportamento daqueles que apresentam interesse por menores, uma vez que, o facto de materiais sexuais envolvendo crianças/jovens transmite a ilusão de que o seu comportamento é normal, já que é partilhado por milhares de pessoas. Para além disso, a manipulação de certos conteúdos contribui igualmente para essa ilusão e para o sentido de adequação e validação destes conteúdos. A par do aparecimento das novas tecnologias, muitas ferramentas foram surgindo, tornando o processo de criação, manipulação e armazenamento de imagens ou vídeos muito mais eficaz. A manipulação de imagens é um exemplo das novas ferramentas existentes. Esta ferramenta consiste, por exemplo, em colocar cabeças de crianças em corpos de adultos, alterando-se, por sua vez, algumas partes do corpo, de forma a assemelharem-se mais a um corpo de criança, ou reconstruir imagens nas quais a criança está, por exemplo, a segurar um brinquedo, sendo este substituído por um pénis ou outro conteúdo sexual (Eneman, 2005).

As comunidades *online* são espaços onde os indivíduos com este tipo de interesses podem conhecer outros, partilhar interesses e legitimar os mesmos. Para além disso, são espaços de partilha e troca de materiais. Alguns estudos adiantam que estes sites/chats de partilha e socialização são muito importantes para que estes indivíduos sintam que os seus gostos/interesses/preferências são aceites e validados, tendo ali um ambiente de suporte (Cohen-Almagor, 2013).

Desta forma, é perceptível que a internet não veio criar um novo infrator, mas sim criar uma nova forma para estes atuarem (Leukfeldt, Jansen & Stol, 2013).

2. Estudo Empírico

2.1 Objeto e Objetivos

O presente estudo pretende contribuir para o aumento do conhecimento sobre o fenómeno da pornografia, designadamente da pornografia envolvendo menores de idade. Tem como objetivo geral conhecer e caracterizar padrões de consumo de diferentes tipos de pornografia, incluindo pornografia infantil, numa amostra não forense, procurando, de forma mais específica, perceber (i) o tipo de conteúdos consumidos; (ii) a regularidade com que os indivíduos acedem a este tipo de conteúdos; (iii) o modo como o fazem (suporte e fontes a que recorrem, se o fazem sozinhos ou acompanhados, ...); (iv) as eventuais trajetórias de evolução da procura e do consumo, incluindo, as que conduzem à pornografia infantil; (v) se apenas consomem ou também produzem e partilham este tipo de conteúdos; e (vi) as motivações para esse consumo e/ou partilha. Analisaremos também diferentes relações entre estas variáveis.

2.2 Metodologia

O consumo, produção e partilha de pornografia, seja a pornografia dita genérica, sejam segmentos específicos da pornografia de adultos, como a que envolve *bondage* ou outros comportamentos BDSM (*bondage* e disciplina, dominação e submissão, sadomasoquismo), a que envolve sexo em grupo e/ou *gang bang*, a pornografia feminista, entre outras, mas também a e pornografia que envolve menores de idade, tem vindo a ser alvo de ampla pesquisa científica internacional, sendo a produção científica nacional ainda escassa. Desta forma, o presente estudo pretende conhecer e caracterizar padrões de consumo de diferentes tipos de pornografia, incluindo pornografia que envolva menores de idade, numa amostra não forense.

Face ao objeto e objetivos deste estudo, anteriormente apresentados, consideramos que a metodologia quantitativa seria a que melhor se adequaria, possibilitando a obtenção de dados em quantidade e diversidade, com elevada validade e fiabilidade, num curto espaço de tempo e numa amostra alargada (Bahari, 2010; Rice, Winter, Doherty & Milner, 2017), amostra que, no presente estudo, é de natureza não-forense, apesar de este abordar um fenómeno criminalizado, a pornografia envolvendo menores de idade.

Para a recolha dos dados, optou-se pela elaboração e aplicação de um questionário construído especificamente para este estudo, o qual foi aplicado *online*. A utilização da Internet e, dentro desta, das redes sociais, para divulgação de estudos e recolha de dados, tem vindo a crescer na última década, mostrando-se um suporte importante para a comunidade científica. No passado, a aplicação de questionários era feita maioritariamente num registo face-a-face, o que implicava uma maior dificuldade e morosidade na obtenção da amostra e dos dados necessários para os estudos. Atualmente, a possibilidade de recurso a plataformas *online*, oferece vantagens evidentes, não só para o investigador, mas também para os inquiridos, sem comprometer a qualidade e validade dos dados, desde que acautelados os devidos procedimentos metodológicos e tecnológicos. Consegue-se, por esta via, alcançar um maior número de pessoas num menor espaço de tempo, sendo que a pessoa pode responder quando e onde lhe for mais conveniente, podendo demorar o tempo de que necessitar, sendo, além disso, uma forma de obtenção de dados de baixo custo e com um reduzido impacto ambiental custo (Evans & Mathur, 2005; Salvador, Alves, Rodrigues & Oliveira, 2020).

Paralelamente, sendo o objeto do nosso estudo – o consumo de pornografia e, em particular de pornografia infantil – potencialmente estigmatizante e sendo, nos dias de hoje, acedido maioritariamente através da Internet, consideramos que haveria uma mais-valia complementar em recorrer a este tipo de plataforma.

2.2.1 Instrumento e Procedimentos

Para a recolha de dados foi construído um questionário, criado de raiz para o presente estudo, baseado na revisão da literatura e em questionários utilizados em estudos anteriores. O pedido de colaboração no estudo foi divulgado através da web interna da Universidade do Porto, para a comunidade académica, e através de cadeias de contactos em bases de dados de *emails* e de contactos pessoais dos inquiridos, num procedimento tipo bola de neve, assim como através de redes sociais, como Facebook, Instagram, Twitter e LinkedIn, para a população em geral.

O questionário (cf. Anexo A) é composto por 20 questões, sendo que algumas se desdobram em diferentes alíneas, perfazendo um total de 31 perguntas, para quem o preenchesse integralmente (algumas respostas negativas levam a saltar várias perguntas de uma vez). Estas são, maioritariamente, questões de resposta fechada e de escolha

múltipla, sendo possível, em algumas questões, optar por uma resposta que não as predefinidas. O instrumento inclui perguntas, tanto de carácter obrigatório como não obrigatório, de forma a minimizar o risco de desistência, e progride de questões de cariz mais geral, sobre a utilização da internet, passando por questões relativas ao consumo de pornografia em geral, e afunilando, progressivamente, para questões relacionadas com o eventual consumo de pornografia infantil, uma estruturação intencional, de modo a aumentar progressivamente a familiarização dos inquiridos ao tema e a minimizar o efeito da desejabilidade social, além das já referidas desistências.

O preenchimento do questionário (submetido à Comissão de Ética da FPCEUP e aprovado por esta) pressupõe a leitura e aceitação de um consentimento informado, no qual é apresentada uma breve descrição do estudo e dos respetivos objetivos, as normas éticas e deontológicas e os contactos dos investigadores, para o esclarecimento de possíveis dúvidas e/ou para manifestação do interesse da pessoa nos resultados do estudo (cf. Anexo A).

Relativamente ao corpo do questionário, este apresenta primeiramente algumas questões que procuram obter informações sociodemográficas sobre os sujeitos, tais como a idade, o sexo, o nível de escolaridade, entre outras, sendo posteriormente dividido em três secções. Na primeira secção são apresentadas questões de carácter mais geral sobre a utilização da internet, como, por exemplo, a idade com a qual a pessoa começou a utilizar a internet, com que frequência, os meios que utiliza para aceder a esta, entre outras. De seguida, e de forma mais específica, surgem questões sobre o consumo de pornografia em geral, tais como se a pessoa alguma vez consumiu pornografia, a regularidade com que o faz, que meios utiliza para o fazer, que tipo de conteúdos prefere, porque o faz. Por fim, são apresentadas questões relativas ao consumo de pornografia infantil. Assim, uma das perguntas fundamentais nesta parte final do questionário é a relativa ao consumo, mesmo que episódico, de conteúdos pornográficos que envolvam menores de idade, pois, caso a resposta seja negativa, o questionário termina ali, caso a resposta seja positiva, a pessoa prossegue para as questões seguintes.

2.3 Apresentação dos Resultados

2.3.1 Caracterização da Amostra

A presente amostra é constituída por um total de 335 inquiridos, sendo que 223 se reconhecem como do sexo feminino, 109 como do sexo masculino, 2 como não definidos e 1 bigénero. A média de idades da amostra é de 29 anos ($M=29.38$; $DP= 10.819$), variando entre os 18 e os 68 anos. 93.1% são portugueses, 5.7% são brasileiros, 0.6% são angolanos, 0.3% são venezuelanos e 0.3% são cabo-verdianos.

Relativamente às habilitações literárias, 37% dos inquiridos tem o mestrado ou doutoramento, 36.4% tem uma licenciatura concluída, 17% está ainda a frequentar uma licenciatura, 7.8% tem o ensino secundário, 1.5% tem o 3º ciclo do ensino básico e 0.3% tem o 2º ciclo do ensino básico. Ao nível profissional, 52.5% dos inquiridos está a trabalhar, 41.2% é estudante, 6% está desempregado e 0.3% é reformado. Por último, dos 335 inquiridos, 83.3% vive com um ou mais elementos da família, 12.5% vive sozinho e 4.2% vive com amigos.

2.3.2 Análise Descritiva

O registo e tratamento estatístico dos dados foi realizado recorrendo ao programa SPSS, versão IBM SPSS Statistics 22. Num total de 335 sujeitos que responderam ao nosso questionário, verificou-se que a maioria (82.4%, $N = 276$) costumava utilizar a internet antes dos 18 anos. Em média, os inquiridos começaram a utilizar a internet aos 15 anos ($M=14.56$).

Relativamente à regularidade com que costumam utilizar a internet, 98.2% dos sujeitos respondeu diariamente, 0.9% 2 a 3 vezes por semana e 0.6% 4 a 8 vezes por semana. A maioria dos inquiridos utiliza apenas o computador e/ou telemóvel pessoal (51%) para aceder à Internet, 96.4% utiliza o telemóvel pessoal, 88.4% utiliza o computador pessoal, 24.7% utiliza o computador laboral e 17.9% o tablet pessoal.

Em relação aos motivos para a utilização da internet, 90.5% dos inquiridos acede à internet para estudar/trabalhar, 89.6% para comunicar com outras pessoas, 85.7% para atividades de lazer, 83.3% para se informar, 83.6% para aceder as redes sociais.

54.2% dos inquiridos não costuma aceder a sites ou chats específicos de contactos/partilhas com outras pessoas, enquanto 45.5% acede. Destes, 22% frequenta *sites/chats* de partilha de filmes, séries e músicas, 19.9% frequenta *sites* de jogos online, 12.8% frequenta *sites/chats* de encontros/comunicação com determinados grupos de pessoas e 11.6% *sites* de procura/visionamento e partilha de pornografia. Relativamente aos tipos de *sites* de encontros/comunicação com determinados grupos de pessoas que utilizavam, as respostas mais frequentes foram Tinder, Bumble, Facebook e Instagram.

A maioria dos inquiridos já visualizou/consumiu pornografia ou conteúdos pornográficos, pelo menos uma vez na vida (81.8%), sendo que 84.6% fê-lo pela primeira vez antes dos 18 anos (N=230). Em média, a idade da primeira visualização de conteúdos/materiais pornográficos foi aos 16 anos (M=15.69).

Relativamente às circunstâncias em que consome materiais pornográficos, 78.3% dos inquiridos respondeu que o faz sozinho/a, 25% fá-lo com um companheiro/a ou namorado/a, 3% com um amigo/a e 1.8% em grupo¹. Em relação aos meios utilizados para aceder aos conteúdos pornográficos, 74.4% dos inquiridos utiliza *sites* pornográficos, 6.8% utiliza canais de televisão, 5.4% canais de comunicação livre, 4.5% utiliza revistas, jornais ou livros, 3.3% utiliza canais de distribuição em tempo real, 0.6% utiliza as redes sociais, 0.3% utiliza o Reddit e outros 0.3% utiliza feiras e festas eróticas. Na questão referente à frequência com que acede a estes conteúdos pornográficos, 30.1% dos inquiridos consome pornografia/materiais pornográficos menos de 1 vez por mês, 16.1% 2 a 3 vezes por mês, 13.4% 2 a 3 vezes por semana, 10.4% 1 vez por semana, 6.9% 1 vez por mês e 4.8% todos os dias.

Como motivos para o consumo de conteúdos/materiais pornográficos, 63.4% respondeu que era para estímulo sexual pessoal/procura de excitação, estando sozinho/a, 55.7% por curiosidade, 17% para aprender a desempenhar determinados atos sexuais,

¹ Nota: estas questões não eram mutuamente exclusivas.

15.8% para estímulo sexual, estando com um ou mais companheiros, 8.6% por influência de amigos. Dos inquiridos que revelam consumir pornografia, 71.1% prefere conteúdos que envolvem atos heterossexuais, 31.5% prefere atos homossexuais femininos, 17.9% prefere atos que envolvam grupos, 17.3% prefere conteúdos de BDSM, 14.3% prefere conteúdos que envolvam algum tipo de fetiche, 11% prefere atos homossexuais masculinos e finalmente, 7.4% prefere conteúdos que envolvam algum tipo de violência.

Focando-nos no objetivo mais específico, de conferir se havia consumo autorrevelado de pornografia infantil, 27,4% da amostra (54 indivíduos do sexo feminino e 37 do sexo masculino) afirmou já ter tido contacto, mesmo que acidentalmente, com pornografia infantil. De ressaltar que este grupo corresponde a 33,6% das pessoas que responderam a esta questão, dado que muitos dos que aceitaram preencher o questionário não o fizeram, o que já antecipávamos e constitui um indicador da elevada sensibilidade da temática em estudo.

Para além disso, 2.4% da amostra assumiu a procura intencional de pornografia infantil (8 sujeitos - 8.7% das pessoas que responderam a esta questão). Destes, 5 inquiridos (4 homens e 1 mulher) tiveram curiosidade e visualizaram os conteúdos existentes, 1 visionou parte ou a totalidade dos conteúdos referidos e uma outra pessoa viu parte, tendo uma reação de repugnância, e 1 desistiu de ver os conteúdos. Em relação à forma como acederam a estes materiais, 7 dos 8 inquiridos afirmou fazê-lo *online*, e um inquirido fê-lo tanto *online* como *offline*. Relativamente à regularidade com que acederam a estes conteúdos, 6 indivíduos referiram ter acontecido apenas uma vez, 1 inquirido referiu ver, pelo menos uma vez por semana, e outro inquirido referiu visualizar duas a cinco vezes por ano.

Acerca dos visionamentos *online* de conteúdos pornográficos com menores de idade, 7 (4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) responderam aceder através de *sites/chats* que utilizam repetidamente, 2 inquiridos (1 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) através de pesquisa em motores de busca com palavras-chave, 1 dos inquiridos (do sexo masculino) seguindo indicações de amigos, 1 dos inquiridos (do sexo feminino) seguindo indicações de grupos de redes sociais e um outro (do sexo masculino) através dos vídeos mais vistos do *Pornhub*. Os indivíduos que indicaram aceder a esses conteúdos através de motores de busca indicaram como palavras-chave utilizadas: Incesto, Ninfeta, Lolita, Sugar daddy e Porn xxx fetiche. Quando visionam conteúdos pornográficos envolvendo menores de idade, 3 afirmam procurar conteúdos com rapazes,

outros 3 indivíduos procuram conteúdos com raparigas, 3 procuram com menores e adultos e 2 apenas com menores. Para além disso, 2 dos inquiridos, quando visionam pornografia envolvendo menores de idade, preferem que esta envolva atos heterossexuais, 2 dos inquiridos atos homossexuais femininos, 1 dos inquiridos prefere atos homossexuais masculinos, 1 dos inquiridos prefere atos que envolvam BDSM e um outro prefere que envolvam algum tipo de fetiche.

Nenhum inquirido afirma ter produzido ou partilhado este tipo de pornografia, sendo que 7 dos indivíduos responderam que se sentiram desconfortáveis com o consumo ou partilha de conteúdos pornográficos envolvendo menores de idade. 5 Indivíduos responderam ter tido receio de que esses acessos pudessem ter consequências negativas para si. Dos que responderam ter algum tipo de receio, 2 indivíduos tiveram receio de que algum familiar/amigo soubesse e reagisse negativamente, 2 indivíduos tiveram receio de serem detetados pelas autoridades policiais/judiciais e que isso acarretasse consequências legais, e 1 deles afirmou serem “conteúdos muito pesados”, que “fazem questionar muito”, tendo “sentimento de repulsa”. Em relação aos acessos/ visionamentos/partilha de pornografia com menores, apenas 1 dos indivíduos inquiridos sofreu já implicações judiciais fruto dos mesmos. Finalmente, nenhum indivíduo afirmou ter estabelecido contactos diretos / pessoais com menores de idade, para fins sexuais.

2.3.2 Análise Inferencial

Para analisar potenciais associações entre as variáveis estudadas, foram realizadas estatísticas inferenciais, com recurso, dependendo da natureza das variáveis, aos testes de qui-quadrado, Mann-Whitney e Kruskal-Wallis.

Associações em função do sexo

Encontraram-se algumas diferenças em função do sexo, no que diz respeito ao recurso a *sites* de partilha/comunicação, mais concretamente, *sites/chats* de partilha de conteúdos ($X^2(1, N=332)=9.927, p=.002$), sendo estes mais frequentemente usados pelas mulheres do que pelos homens, e jogos online ($X^2(1, N=332)=12.154, p\leq.001$), de uso mais frequente pelos homens do que pelas mulheres.

Embora o número de sujeitos que assumam um acesso regular a conteúdos pornográficos através da Internet seja baixo, verifica-se, a este nível, uma influência da variável sexo ($X^2(1, N=332)=5.122, p=.024$), com os indivíduos do sexo masculino a assumir mais frequentemente este consumo habitual.

Tabela 1 - Sexo * Habitualmente acede à internet para ver pornografia

Crosstab

4. Habitualmente acede à internet para ver pornografia?

		Sim	Não	Total	
Sexo	Feminino	Contagem	1	222	223
		Contagem Esperada	3,4	219,6	223,0
	Masculino	Contagem	4	105	109
		Contagem Esperada	1,6	107,4	109,0
Total	Contagem	5	327	332	
	Contagem Esperada	5,0	327,0	332,0	

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig. exata (2 lados)	Sig. exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	5,122 ^a	1	,024		
Correção de continuidade ^b	3,180	1	,075		
Razão de verossimilhança	4,780	1	,029		
Teste Exato de Fisher				,042	,042
Associação Linear por Linear	5,106	1	,024		
N de Casos Válidos	332				

a. 2 células (50,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 1,64.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Do mesmo modo, verifica-se uma influência da variável sexo no acesso regular a sites/chats de procura, visionamento ou partilha de pornografia ($X^2(1, N=164)=5.551, p=.018$), sendo estes acessos mais frequentes no sexo masculino.

Relativamente à incidência da visualização/consumo de pornografia (pelo menos uma vez na vida), encontraram-se diferenças estatisticamente significativas em função do sexo ($X^2(1, N=332)=14.876, p\leq.001$), com uma elevação na incidência do uso pelos homens.

Tabela 2 - Associações entre as variáveis Sexo * Algumas vez visualizou / consumiu pornografia ou conteúdos pornográficos

Crosstab

1. Algumas vez visualizou / consumiu pornografia ou conteúdos pornográficos?

		Sim	Não	Total	
Sexo	Feminino	Contagem	170	53	223
		Contagem Esperada	182,7	40,3	223,0
	Masculino	Contagem	102	7	109
		Contagem Esperada	89,3	19,7	109,0
Total	Contagem	272	60	332	
	Contagem Esperada	272,0	60,0	332,0	

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig. exata (2 lados)	Sig. exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	14,876 ^a	1	,000		
Correção de continuidade ^b	13,728	1	,000		
Razão de verossimilhança	17,179	1	,000		
Teste Exato de Fisher				,000	,000
Associação Linear por Linear	14,831	1	,000		
N de Casos Válidos	332				

a. 0 células (,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 19,70.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Relativamente às circunstâncias em que consomem pornografia/materiais pornográficos, verifica-se uma associação estatisticamente significativa entre a variável consumir sozinho/a e o sexo ($X^2(1, N=269)=5.598, p=.018$), sendo que mulheres os homens tendem a fazê-lo mais vezes sozinhos, comparativamente às mulheres da amostra.

Tabela 3 - Associações entre as variáveis Sexo * Quando consome materiais pornográficos fá-lo sozinho/a

Crosstab						Testes qui-quadrado				
Quando consome materiais pornográficos, fá-lo sozinho/a						Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig. exata (2 lados)	Sig. exata (1 lado)
Sim Não Total										
Sexo	Feminino	Contagem	159	9	168	Qui-quadrado de Pearson	5,598 ^a	1	,018	
		Contagem Esperada	162,4	5,6	168,0	Correção de continuidade ^b	4,064	1	,044	
	Masculino	Contagem	101	0	101	Razão de verossimilhança	8,660	1	,003	
		Contagem Esperada	97,6	3,4	101,0	Teste Exato de Fisher			,015	,013
Total	Contagem		260	9	269	Associação Linear por Linear	5,577	1	,018	
	Contagem Esperada		260,0	9,0	269,0	N de Casos Válidos	269			

a. 1 células (25,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 3,38.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Embora o número de sujeitos que revelou fazê-lo seja reduzido, o que exige cautela na análise deste dado, verifica-se uma influência da variável sexo no visionamento de pornografia em grupo, com os homens a afirmar fazê-lo mais frequentemente nestas circunstâncias, comparativamente às mulheres ($X^2(1, N=268)=5.445, p=.030$).

Relativamente aos conteúdos dos materiais pornográficos preferidos, verifica-se uma associação estatisticamente significativas em função do sexo relativamente à pornografia envolvendo atos sexuais heterossexuais ($X^2(1, N=271)=4.084, p=.043$), , com predominância do sexo feminino.

Tabela 4 - Associações entre as variáveis sexo*atos sexuais heterossexuais

Crosstab						Testes qui-quadrado				
Atos sexuais heterossexuais						Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig. exata (2 lados)	Sig. exata (1 lado)
Sim Não Total										
Sexo	Feminino	Contagem	154	16	170	Qui-quadrado de Pearson	4,084 ^a	1	,043	
		Contagem Esperada	148,7	21,3	170,0	Correção de continuidade ^b	3,354	1	,067	
	Masculino	Contagem	83	18	101	Razão de verossimilhança	3,955	1	,047	
		Contagem Esperada	88,3	12,7	101,0	Teste Exato de Fisher			,057	,035
Total	Contagem		237	34	271	Associação Linear por Linear	4,069	1	,044	
	Contagem Esperada		237,0	34,0	271,0	N de Casos Válidos	271			

a. 0 células (.0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 12,67.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

O mesmo se verifica na categoria de atos sexuais homossexuais femininos ($X^2(1, N=271)=15.229, p=p\leq.001$), que são mais procurados pelo sexo feminino.

Tabela 5 - Associações entre as variáveis sexo*atos sexuais homossexuais femininos

Crosstab					
			Atos homossexuais femininos		
			Sim	Não	Total
Sexo	Feminino	Contagem	81	89	170
		Contagem Esperada	65,9	104,1	170,0
	Masculino	Contagem	24	77	101
		Contagem Esperada	39,1	61,9	101,0
Total		Contagem	105	166	271
		Contagem Esperada	105,0	166,0	271,0

		Testes qui-quadrado			
	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig. exata (2 lados)	Sig. exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	15,229 ^a	1	,000		
Correção de continuidade ^b	14,240	1	,000		
Razão de verossimilhança	15,782	1	,000		
Teste Exato de Fisher				,000	,000
Associação Linear por Linear	15,173	1	,000		
N de Casos Válidos	271				

a. 0 células (,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 39,13.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Em relação aos atos que envolvem BDSM ($X^2(1, N=271)=6.458, p=.011$), verificam-se também diferenças entre os dois sexos, no mesmo sentido dos anteriores.

Tabela 6 - Associações entre as variáveis sexo*atos sexuais BDSM

Crosstab					
			Atos sexuais BDSM		
			Sim	Não	Total
Sexo	Feminino	Contagem	44	126	170
		Contagem Esperada	35,8	134,2	170,0
	Masculino	Contagem	13	88	101
		Contagem Esperada	21,2	79,8	101,0
Total	Contagem	57	214	271	
	Contagem Esperada	57,0	214,0	271,0	

		Testes qui-quadrado			
	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig. exata (2 lados)	Sig. exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	6,458 ^a	1	,011		
Correção de continuidade ^b	5,698	1	,017		
Razão de verossimilhança	6,829	1	,009		
Teste Exato de Fisher				,013	,007
Associação Linear por Linear	6,434	1	,011		
N de Casos Válidos	271				

a. 0 células (,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 21,24.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Quando inquiridos sobre se alguma vez já tinham encontrado, mesmo que acidentalmente (em filmes, livros, redes sociais, chats ou sites de pornografia geral), algum tipo de conteúdos pornográficos que envolvessem menores de idade, a maioria dos sujeitos, como seria de esperar, respondeu negativamente. Entre os poucos participantes

que responderam afirmativamente ($X^2(1, N=91)=.317, p=.573$) não se encontram diferenças significativas em função do sexo. O mesmo se concluiu para as variáveis como o tipo de conteúdos, se acedeu a esses materiais *online*, *offline* ou ambos, o tipo de atos sexuais preferenciais ou para a produção ou partilha de pornografia.

Não foram encontradas diferenças em função do sexo para o visionamento, mesmo que accidental de pornografia infantil ($X^2(1, N=271)=.673, p=.412$).

Comparações em função da idade

Não se encontraram, na maioria das variáveis analisadas, influências relacionadas com a idade dos respondentes (o que poderá resultar do facto de a amostra não ter uma distribuição normal, estando enviesada no sentido das faixas etárias mais jovens). Relativamente à frequência de *sites/chats* de procura, visionamento, partilha de pornografia, verificou-se que a distribuição de idade é igual nas diferentes variáveis $U(2193.000)=.279$. Em relação à utilização de *sites* pornográficos, a distribuição de idade é também igual $U(20.000)=.857$. O mesmo se verificou nas variáveis referentes à visualização / consumo de pornografia / conteúdos pornográficos $U(10660.000)=.000$.

Relativamente às circunstâncias de consumo de materiais pornográficos, verificou-se igualmente uma distribuição de idade igual nas categorias sozinho/a $U(1241.500)=.802$; com o/a companheiro/a $U(6349.000)=.010$; com um/a amigo/a?'' $U(985.500)=.188$; em grupo $U(495.500)=.114$. Em relação aos meios que o indivíduo utiliza para aceder aos conteúdos pornográficos, a distribuição de idade é também igual nas categorias *sites* pornográficos $U(2954.000)=.339$; *chats* ou outros canais de comunicação livre $U(2652.500)=.241$; canais de distribuição em tempo real/*live/streaming* $U(1455.000)=.922$; canais televisivos $U(1401.000)=.000$ e revistas/jornais ou livros $U(2129.000)=.460$. Também nos motivos que levaram a pessoa a consumir pornografia/materiais pornográficos, verifica-se uma distribuição igual da idade nas categorias por curiosidade $U(8966.000)=.172$; por influência de amigos/as $U(5095.500)=.000$; estímulo sexual pessoal/procura de excitação estando sozinho/a $U(602.000)=.543$; estímulo ou excitação sexual estando com um ou mais companheiros $U(4009.500)=.000$, e aprender a desempenhar determinados atos sexuais $U(6502.000)=.550$. Relativamente à questão referente ao tipo de pornografia/materiais

pornográficos preferenciais, verificou-se também uma distribuição igual da idade nas diferentes categorias.

Apenas no que diz respeito ao contacto, mesmo que accidental, com conteúdos pornográficos que envolvessem menores de idade, verificam-se diferenças significativas em função da idade $U(10329.500)=.002$, sendo os indivíduos mais jovens a ter contacto com este tipo de conteúdos. O mesmo se verificou na questão relativa a se alguma vez a pessoa recebeu/pesquisou/viu/acedeu voluntariamente a conteúdos pornográficos que envolvessem menores de idade $U(302.000)=.636$, contrariamente à reação que teve, onde não se encontram diferenças na distribuição da idade $X^2(3)=.455$, $p=.929$.

3. Discussão dos resultados e conclusões

Neste capítulo, pretende-se fazer uma análise global, integradora e reflexiva, dos resultados obtidos e das principais conclusões retiradas dos mesmos, com base na revisão da literatura efetuada, e tendo em conta os objetivos definidos, para que desta forma se perceba em que medida estes foram alcançados.

Relativamente àqueles que eram os nossos 3 primeiros objetivos - perceber o tipo de conteúdos consumidos, a regularidade do uso, os suportes, contextos e circunstâncias em que são usados -, todos eles alcançados, verificou-se que 81.8% dos inquiridos assumiu já ter visualizado/consumido pornografia ou conteúdos pornográficos. Os resultados encontrados revelam que a média de idades para a primeira visualização/consumo de pornografia ou materiais pornográficos é bastante precoce, rondando os 16 anos, o que é consonante com a idade precoce de início da utilização da Internet, dados também relevantes do nosso estudo, a merecer maior aprofundamento em estudos futuros.

Somos, assim, levados a concordar com os resultados de Lim, Agius, Carrotte, Vella e Hellard (2017) que afirmam que as idades da primeira visualização de materiais pornográficos têm vindo a diminuir ao longo do tempo, fruto da elevada oferta e facilidade de acesso proporcionada pelo desenvolvimento da Internet e das novas tecnologias de comunicação e informação. Os mesmos autores afirmam que a maior parte dos indivíduos assistem à pornografia sozinhos, o que foi encontrado também no presente estudo.

Mais relevante ainda, tendo em conta a natureza destes conteúdos, verificou-se que 24.7% da amostra afirmou já encontrado, mesmo que acidentalmente, pornografia infantil. Mais do que isso, 2.4% da amostra assume a procura intencional de pornografia infantil, o que, podendo parecer um valor baixo, indicia a autorrevelação de um ato criminal e abusivo, algo que não seria facilmente expetável e nos dá indicações de que, com algumas melhorias e uma aplicação junto de uma amostra representativa da população portuguesa, o questionário por nós desenvolvido tem potencialidades ao nível da caracterização deste fenómeno. Estes dados permitem-nos cumprir o nosso quinto objetivo e revelam-se particularmente relevantes, na medida em que, correspondendo este

valor a quase um terço da amostra, constituem um importante sinal de alerta para os riscos associados ao uso da Internet e para a facilidade com que, atualmente, se podem encontrar conteúdos pornográficos envolvendo menores de idade, logo, conteúdos ilícitos e abusivos, na Internet. Tal como atrás referido, a relevância deste dado obriga-nos a aprofundar esta questão em estudos futuros, algo que está já a ser posto em prática.

Nenhum dos sujeitos afirmou, contudo, ter produzido ou partilhado pornografia infantil ou ter tentado manter encontros pessoais com menores, o que, a ser afirmativamente respondido configuraria outro tipo de crime sexual contra crianças, o que permite esclarecer parcialmente o nosso quinto objetivo.

Embora apresentando uma incidência de consumo nas mulheres maior do que o que seria de esperar neste grupo, face a estatísticas sobre a sexualidade feminina e a estudos como o de Dwulit e Rzymiski (2019), um dado a merecer maior exploração em estudos futuros, a nossa amostra apresenta uma tendência para o consumo destes materiais mais elevada nos homens do que nas mulheres, o que vai ao encontro da bibliografia analisada.

O tipo de conteúdos/materiais pornográficos mais procurados é uma das variáveis de estudo que tem suscitado maior interesse no seio da comunidade científica, dadas as alterações dos tipos de pornografia consumidos ao longo do tempo. Segundo os resultados do presente estudo, os estilos mais procurados de pornografia/materiais pornográficos são atos sexos heterossexuais, homossexuais femininos, seguido de atos sexuais em grupos e atos sexuais BDSM. Isto vai ao encontro dos resultados obtidos noutros estudos (Ybarra, Mitchell, Hamburger, Diener-West, & Leaf, 2011; Hald, Seaman, & Linz, 2014) que constatarem que o tipo de material mais procurado é o de tipo não violento, e que são sobretudo conteúdos que envolvem atos sexuais heterossexuais e grupais, os mais procurados, sendo o consumo de materiais que envolvam algum tipo de violência (pornografia BDSM, fetichista, coerciva, etc.) mais baixo. No nosso estudo destaca-se, contudo, uma preferência por pornografia BDSM acima do que seria expectável, sobretudo nas camadas mais jovens, outro dado a exigir um aprofundamento em investigações futuras.

Ao nível das motivações para o consumo, verificou-se que a maioria dos sujeitos recorre à pornografia para estimulação sexual pessoal ou procura de excitação, quer

quando a visiona sozinho/a, quer com um ou mais companheiros; seguindo-se a curiosidade, aprender a desempenhar determinados atos sexuais, e a influência de amigos.

Um outro dado importante, é o facto de os resultados no nosso estudo corroborarem a tendência já revelada na literatura para haver um aumento nas taxas de consumo de pornografia pelo sexo feminino (Wright, Bae, Funk, 2013).

Análise das limitações e potencialidades do estudo e sugestões para o futuro

De ressaltar que, apesar do esforço para a divulgação do estudo a nível nacional, acabou por se verificar um enviesamento regional da amostra, sendo esta referente quase só a Portugal continental, e com um foco na região Norte, o que limitou as possibilidades de generalização dos dados. O mesmo aconteceu nas variáveis referentes à escolaridade e profissão, sendo a maior parte da amostra constituída por estudantes e pessoas com uma escolaridade mais elevada, que enviesaram também a amostra. Este enviesamento da amostra constitui a principal limitação do nosso estudo, pelo que será importante, em futuros estudos, melhorar o processo de divulgação e captação de respondentes.

Para além disto, sugerimos, como melhoria para futuros estudos a reformulação da questão “Habitualmente acede à internet para ver pornografia?” substituindo-a por “Se alguma vez acedeu a pornografia na internet”, dado que esta questão não revelou o carácter discriminativo inicial que antecipávamos, tendo 98.5% da amostra respondido que não e alguns sujeitos esclarecido por email que optaram pelo não porque a resposta sim remetia para um padrão de consumo continuado que não era o seu. Outros acertos de pormenor no questionário serão também implementados.

Ao nível das potencialidades e contributos deste estudo, verificou-se, como atrás referido, que o instrumento se revelou ajustado e que foi possível concretizar a maioria dos objetivos a que nos tínhamos proposto, designadamente a descrição de padrões de consumo de pornografia, incluindo pornografia infantil, os tipos de consumos, regularidade, contextos e circunstâncias, motivações, entre outros aspetos. Foi possível perceber ainda as suas variações em função do sexo e da idade dos respondentes.

Foi limitada, contudo, a informação relativa às trajetórias evolutivas do consumo, assim como sobre a transição do consumo de pornografia genérica para pornografia infantil. Consideramos que este facto se deve a limitações do instrumento, sugerindo-se

a utilização, em estudos futuros, de entrevistas em profundidade com pessoas que tenham assumido os dois tipos de consumos, de modo a poder conhecer e compreender estas trajetórias. Esse era, aliás, o nosso plano no início do estudo, tendo chegado a obter consentimento de instituições judiciais para proceder à recolha de dados, mas foi impossibilitado pelas limitações impostas pela pandemia de covid-19.

Referências

- Attaran, M. (2017). Addictive Manufacturing: The Most Promising Technology to Alter the Supply Chain and Logistics. *Journal of Service Science and Management*, 10(3), 189-205. DOI: <https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.4236%2Fjssm.2017.103017>
- Bahari, S. F. (2010). Qualitative versus quantitative research strategies: contrasting epistemological and ontological assumptions. *Jurnal Teknologi*, 52, 17-28. DOI: <https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.11113%2Fjt.v52.134>
- Beyens, I., Vandenbosh, L., & Eggermont, S. (2015). Early adolescent boys' exposure to internet pornography: Relationships to Pubertal Timing, Sensation Seeking, and Academic Performance. *Journal of Early Adolescence*, 35(8), 1045-1068. DOI: <https://doi.org/10.1177%2F0272431614548069>
- Branca, C. M. C., Grangeia, H., & Cruz, O. (2016). Grooming online em Portugal: um estudo exploratório. *Análise Psicológica*, 34(3). DOI: <https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.14417%2Fap.978>
- Brooks, S., Longstreet, P., & Califf, C. B. (2017). Social media induced technostress and its impact on internet addiction: A Distraction-conflict Theory Perspective. *Transactions on Human - Computer Interaction*, 9(2), 99-122. DOI: <https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.17705%2F1thci.00091>
- Chen, L., & Jiang, X. (2020). The assessment of problematic internet pornography use: A Comparison of Three Scales with Mixed Methods. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(2), 488. DOI: <https://dx.doi.org/10.3390%2Fijerph17020488>

- Cohen-Almagor, R. (2013). Online child sex offenders: Challenges and Counter-Measures. *The Howard Journal*, 52(2), 190-215. DOI: 10.1111/hojo.12006
- Daskalopoulou, A., & Zanette, C. M. (2020). Women's consumption of pornography: Pleasure, Contestation, and Empowerment. *Sociology*, 54(5), 969-986. DOI: <https://doi.org/10.1177/0038038520918847>
- Egan, V., & Parmar, R. (2013). Dirty habits? Online pornography use, personality, obsessionality, and compulsivity. *Journal of sex & Marital Therapy*, 1-16. DOI: 10.1080/0092623X.2012.710182
- Egan, V., Hoskinson, J., & Shewan, D. (2011). Perverted justice: A Content Analysis of the Language Used by Offenders Detected Attempting to Solicit Children for Sex. *Antisocial Behavior: Causes, Correlations and Treatments*. Retirado de: https://www.researchgate.net/publication/47867576_Perverved_Justice_A_Content_Analysis_of_the_Language_Used_by_Offenders_Detected_Attempting_to_Solicit_Children_for_Sex
- Endrass, J., Urbaniok, F., Hammermeister, L. C., Benz, C., Elbert, T., Laubacher, A., & Rossegger, A. (2009). The consumption of internet child pornography and violent and sex offending. *BMC Psychiatry*, 9(43). DOI:10.1186/1471-244X-9-43
- Eneman, M. (2005). The new face of child pornography. *Human Rights in Digital Age*. Retirado de: https://www.researchgate.net/publication/324951511_The_New_Face_of_Child_Pornography
- Eneman, M., Gillespie, A. A., & Stahl, B. C. (2010). Technology and sexual abuse: a Critical Review of an Internet Grooming Case. *Conference: Proceedings of the International Conference on Information Systems*. Retirado de: https://www.researchgate.net/publication/221599996_Technology_and_sexual_Abuse_a_Critical_Review_of_an_Internet_Grooming_Case
- Evans, J. R., & Mathur, A. (2005). The value of online surveys. *Emerald Insight*, 15(2), 195-219. DOI 10.1108/10662240510590360
- Fortin, F., & Proulx, J. (2019). Sexual interests of child sexual exploitation material (CSEM) consumers: Four Patterns of Severity Over Time.

International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 63(1), 55-76. DOI: <https://doi.org/10.1177/0306624X18794135>

Fortin, F., Paquette, S., & Dupont, B. (2018). From online to offline sexual offending: Episodes and Obstacles. *Aggression and Violent Behavior*, 39, 33-41. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.01.003>

Frangé, D., Klancnik, A. T., Karer, M. Z., Ludvigsen, B., Konczyk, J., Perez, F. R., Veijalainen, M., & Lewin, M. (2015). The importance of terminology related to child sexual exploitation. *The Journal of Criminal Investigation and Criminology*, 66(4), 291-299. Retirado de: <https://www.researchgate.net/project/The-Importance-of-Terminology-Related-to-Child-Sexual-Exploitation>

Griffiths, M. D. (2009). Internet addiction: Time to be Taken Seriously? *Addiction, Research and Theory*, 8(5), 413-418. DOI: <https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.3109%2F16066350009005587>

Guggisberg, M. (2020). Sexually explicit video games and online pornography – The promotion of sexual violence: A critical commentary. *Aggression and Violent Behavior*, 53. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101432>

Hald, G. M., Seaman, C., & Linz, D. (2014). Sexuality and pornography. *American Psychological Association*, 2, 3– 35. Retirado de: <sexualityandpornhaldseamanlinz.pdf>

Harkness, E., Blaszczynski, A., Mullan, B. (2015). Association between pornography use and sexual risk behaviors in adult consumers: A systematic Review. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 18(2). 59-71. DOI: 10.1089/cyber.2014.0343

Hornor, G. (2020). Child and adolescent pornography exposure. *Continuing Education*, 34(2), 191-199. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pedhc.2019.10.001>
https://dx.doi.org/10.1007/978-3-030-01437-7_7

Jewkes, R., & Morrell, R. (2010). Gender and sexuality: Emerging Perspectives from the Heterosexual Epidemic in South Africa and Implications for HIV Risk and

- Prevention. *Journal of the International AIDS Society*, 13(1). DOI: <https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.1186%2F1758-2652-13-6>
- Karkness, E. L., Mullan, B. M., & Blaszczyński, A. (2015). Association between pornography use and sexual risk behaviors in adult consumers: A Systematic Review. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 18(2), 59-71. DOI: 10.1089/cyber.2014.0343
- Kor, A., Zilcha-Mano, Y. A., Mikulincer, M., Reid, R. C., & Potenza, N. P. (2014). Psychometric development of the problematic pornography use scale. *Addictive Behaviors*, 39, 861-868. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.addbeh.2014.01.027>
- Krone, T., & Smith, R. (2017). Trajectories in online child sexual exploitation offending in australia. *Australian Institute of Criminology*, 524. Retirado de: <https://www.aic.gov.au/publications/tandi/tandi524>
- Kuhn, S., & Gallinat, J. (2014). Brain structure and functional connectivity associated with pornography consumption. *The Brain on Porn. The Brain and Pornography Consumption*, 71(7), 827-834. Retirado de: <https://jamanetwork.com/>
- Leukfeldt, E. R., Jansen, J., & Stol, W. P. (2014). Child pornography, the internet and juvenile suspects. *Journal of Social Welfare and Family Law*, 36(1), 3-13. DOI: <http://www.tandfonline.com/action/showCitFormats?doi=10.1080/09649069.2013.851178>
- Lim, M. S. C., Agius, P. A., Carrotte, E. R., Vella, A. M., & Hellard, M. (2017). Young australian's use of pornography and associations with sexual risk behaviors. *Sexual Health*, 41(4). DOI: 10.1111/1753-6405.12678
- Longstreet, P., & Brooks, S. (2017). Life satisfaction: A Key to Managing Internet & Social Media Addiction. *Technology in Society*, 50, 73-77. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.techsoc.2017.05.003>
- Lorenzo-Dus, N., Kinzel, A., & Cristofaro, M. D. (2020). The communicative modus operandi of online child sexual groomers: Recurring patterns in their language use. *Journal of Pragmatics*, 155, 15-27. DOI:

<https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.1016%2Fj.pragma.2019.09.010>

- Malamuth, N. M. (2018). ‘‘Adding fuel to the fire?’’ Does exposure to non-consenting adult or to child pornography increase risk of sexual aggression? *Aggression and Violent Behavior*, 41, 74-89. DOI: 10.1016/j.avb.2018.02.013
- McCarthy, J. A. (2010). Internet sexual activity: A comparison between contact and non-contact child pornography offenders. *Journal of sexual aggression*, 16(2), 181-195. DOI: 10.1080/13552601003760006
- McCormack, M., & Wignall, L. (2017). Enjoyment, Exploration and Education: Understanding the consumption of pornography among young men with non-exclusive sexual orientations. *Sociology*, 51(5), 975-991. DOI: <https://doi.org/10.1177/0038038516629909>
- Merdian, H. L., Curtis, C., Thakker, J., Wilson, N., & Boer, D. P. (2011). The three dimensions of online child pornography offending. *Journal of sexual aggression*, 37-41. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/13552600.2011.611898>
- Merdian, H. L., Wilson, N., Thakker, J., Curtis, C., & Boer, D. P. (2013). ‘‘So why did you do it?’’: Explanations provided by Child Pornography Offenders. *Sexual Offender Treatment*, 8(1), 1-19. Retirado de: <https://researchcommons.waikato.ac.nz/handle/10289/7976>
- Mitchell, K. J., Finkelhor, D., & Wolak, J. (2007). Youth internet users at risk for the most serious online sexual solicitations. *American Journal of Preventive Medicine*, 32(6), 532-537. DOI: doi:10.1016/j.amepre.2007.02.001
- Mitchell, T. I., Haw, R. M., Pfeifer, J. E., & Meissner, C. A. (2005). Racial Bias in mock juror decision-making: A Meta-Analytic Review of Defendant Treatment. *Law and Human Behavior*, 29(6). DOI: 10.1007/s10979-005-8122-9
- Morichetta, A., Trevisan, M., & Vassio, L. (2019). Characterizing web pornography consumption from passive measurements. *Passive and Active Measurement*. 304-316. DOI: https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.1007%2F978-3-030-15986-3_20

- Morris, M. (2015). Porno? Chic! : How Pornography Changed the world and Made it a Better Place, by Brian McNair. *Sexualities*, 18(4), 519-520. DOI: 10.1177/1363460715583615
- Negredo, L., & Herrero, O. (2016). *Child pornography on the internet. Papers del Psicólogo*, 37(3), 217-223. DOI: Papeles del Psicólogo (psychologistpapers.com)
- Paasonen, S. (2011). Online Pornography. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781444314861.ch19>
- Quayle, E., & Taylor, M. (2002). Paedophiles, Pornography and the internet: Assessment Issues. *British Journal of Social Work*, 32, 863-875. DOI: [10.1093/bjsw/32.7.863](https://doi.org/10.1093/bjsw/32.7.863)
- Reid, R., Gilliland, R., Li, D., & Fong, T. W. (2011). Reliability, validity, and psychometric development of the pornography consumption inventory in a sample of hypersexual men. *Journal of sex & Marital Therapy*, 37, 359-385. DOI: 10.1080/0092623X.2011.607047
- Reijnen, L., Bulten, E., & Nijman, H. (2009). Demographic and personality characteristics of internet child pornography downloaders in comparison to other offenders. *Journal of Child Sexual Abuse*, 18, 611-622. DOI: 10.1080/10538710903317232
- Rice, S., Winter, S. R., Doherty, S., & Milner, M. (2017). Advantages and disadvantages of using internet-based survey methods in aviation-related research, *Journal of Aviation Technology and Engineering*, 7(1), 58-65. DOI: <http://docs.lib.purdue.edu/jate>
- Rivera, R., Santos, D., Cabrera, V., & Docal, M. (2016). Consumo de pornografía online y offline en adolescentes colombianos. *Comunicar*, 37-45. Retirado de: <https://pt.scribd.com/document/290862043/Consumo-de-pornografia-on-line-y-off-line-en-adolescentes-colombianos>
- Rodrigues, D. L., Lopes, D., Dawson, K., Visser, R., & Stulhofer, A. (2020). With or Without you: Associations Between Frequency of Internet Pornography Use and Sexual Relationships Outcomes for (Non) Consensual (Non) Monogamous Individuals. *Archives of Sexual Behavior*, DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-020-01782-z>

- Ruberg, B. (2016). Doing it for free: digital labour and the fantasy of amateur online pornography. *Porn Studies*, 3(2), 147-159. DOI: <https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.1080%2F23268743.2016.1184477>
- Salvador, P. T. C. O., Alves, K. Y. A., Rodrigues, C. C. F. M., & Oliveira, L. V. (2020). Estratégias de coleta de dados online nas pesquisas qualitativas da área da saúde: scoping review. *Revista Gaucha de Enfermagem*, 41. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190297>
- Seigfried, K. C., Lovely, R. W., & Rogers, M. K. (2008). Self-Reported online child pornography behavior: A Psychological Analysis. *International Journal of Cyber Criminology*, 2(1), 286-297. Retirado de: https://www.researchgate.net/publication/299657938_Self-Reported_Internet_Child_Pornography_Consumers
- Seigfried-Spellar, K. C. (2013). Measuring the preference of image content for self-reported consumers of child pornography. Retirado de : https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.1007%2F978-3-642-39891-9_6
- Seto, M. C. (2010). Child pornography use and internet solicitation in the diagnosis of pedofilia. *Archives of Sexual Behavior*, 39, 591-593. DOI 10.1007/s10508-010-9603-6
- Silva, R. A. S. A., & Baltieri, D. A. (2016). A preliminar modelo of motivation for pornography consumption among men participating in zoophilic virtual environments. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 42(2), 143-157. DOI: <https://doi.org/10.1080/0092623x.2014.996930>
- Smutny, Z., & Sulc, Z. (2018). *The internet and the consumption of pornography: A Case of Generation Y in the Czech and Slovak Republic*.
- Stark, R., & Klucken, T. (2017). Neuroscientific approaches to (online) pornography addiction. *Internet Addiction*, 109-124. Retirado de: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-46276-9_7
- Suler, J. (2004). The online disinhibition effect. *Cyberpsychology & Behavior*, 7(3), DOI: <https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.1089%2F1094931041291295>

- Sun, C., Bridges, A., Johnason, J., & Ezzell, M. (2014). Pornography and the male sexual script: Na Analysis of Consumption and Sexual Relations. *Archives of Sexual Behavior*, 45(4), 983-94. DOI: [10.1007/s10508-014-0391-2](https://doi.org/10.1007/s10508-014-0391-2)
- Taylor, M., Quayle, E., & Holland, G. (2001). Child pornography, the internet and offending. *Isuma - Canadian Journal of Policy Research*, 2(2), 94-100. Retirado de: <https://www.ncjrs.gov/App/Publications/abstract.aspx?ID=192718>
- Webb, L., Craissati, J., & Keen, S. (2007). Characteristics of internet child pornography offenders: A comparison with child molesters. *Sexual Abuse*, 19, 449-465. DOI 10.1007/s11194-007-9063-2
- Westlake, B. G. (2019). The past, presente and future of online child sexual exploitation: summarizing the evolution of production, distribution and detection. *The Palgrave Handbook of International Cybercrime and Cyberdeviance*, 1-29. Retirado de: [The Past, Present, and Future of Online Child Sexual Exploitation: Summarizing the Evolution of Production, Distribution, and Detection | SpringerLink](#)
- Whittle, H. C., Hamilton-Giachritsis, C., & Beech, A. (2013). A review of young people's vulnerabilities to online grooming. *Aggression and Violent Behavior*, 18(1), 135-146. DOI: <https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.1016%2Fj.avb.2012.11.008>
- Whittle, H., Hamilton-Giachritsis, C., Beech, A., & Collings, G. (2013). A Review of young people's vulnerabilities to online grooming. *Aggression and Violent Behavior*, 18, 135- 146. DOI: 10.1016/j.avb.2012.11.008
- Williams, M. L., & Hudson, K. (2013). Public perceptions of internet, familial and localised sexual grooming: Predicting perceived prevalence and safety. *Journal of Sexual Aggression*, 19(2), 218-235. DOI: <https://doi.org/10.1080/13552600.2012.705341>
- Winters, G. M., Kaylor, L. E., & Jeglic, E. L. (2017). Sexual offenders contacting children online: an examination of transcripts of sexual grooming. *Journal of Sexual Aggression*, 23(1), 1-15. DOI: 10.1080/13552600.2016.1271146

- Wolak, J., Finkelhor, D., & Mitchell, K. (2011). Child pornography possessor: Trends in offender and case characteristics. *Sexual Abuse: A Journal of research and Treatment*, 23(1), 22-42. DOI: [10.1177/1079063210372143](https://doi.org/10.1177/1079063210372143)
- Wolak, J., Finkelhor, D., Mitchell, K. J., & Ybarra, M. (2010). Online Predators and their victims: Myths, Realities, and Implications for Prevention and Treatment. *American Psychologist*, 63(2), 111-128. DOI: <https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.1037%2F0003-066X.63.2.111>
- Yar, M. (2013). Cybercrime and society. DOI: <https://doi.org/10.1093/police/pau024>
- Yar, M. (2013). The policing of internet sex offences: pluralised governance versus hierarchies of standing. *Policing and Society*, 37-41. DOI:10.1080/10439463.2013.780226
- Ybarra, M. L., Mitchell, K. J., Hamburger, M., Diener-West, M., & Leaf, P. J. (2011). X-rated material and perpetration of sexually aggressive behavior among children and adolescents: Is there a link? *Aggressive Behavior*, 37(1), 1–18. Doi:10.1002/ab.20367

ANEXOS

ANEXO A- Consentimento e Questionário

QUESTIONÁRIO

Padrões de consumo de diferentes tipos de pornografia

(Manita & Meira, 2020)

Este é um convite para participar num estudo sobre “padrões de consumo de diferentes tipos de pornografia”, a ser desenvolvido no âmbito do Mestrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, conduzido por Ana Rita Meira, sob a orientação da Professora Doutora Celina Manita. Antes de tomar a decisão de participar neste estudo, é importante que os objetivos do mesmo sejam claros para si e que compreenda de que forma acontecerá a sua participação no mesmo. Assim sendo, pedimos-lhe que leia com atenção toda a informação que irá ser mencionada de seguida e que, apenas se concordar com o que lhe é apresentado, prossiga com o preenchimento do questionário. Se surgir alguma dúvida sobre o estudo ou quiser saber mais alguma informação, por favor, envie um email para up201808403@fpce.up.pt ou celina@fpce.up.pt.

Consentimento livre e informado

Este estudo visa conhecer padrões e hábitos de consumo de diferentes tipos de pornografia, incluindo a pornografia que envolve menores de idade, assim como a sua ligação à utilização da Internet. O conceito de pornografia utilizado neste estudo consiste em conteúdos sexuais representados sob a forma de imagens ou palavras, que pode ser acessada em diferentes meios, tais como, sites ou revistas pornográficas (McKee, Byron, Litsou & Ingham, 2020).

Potenciais benefícios

É esperado que este estudo contribua para aprofundar o conhecimento sobre os padrões de consumo de diferentes tipos de pornografia, incluindo a pornografia que envolve menores de idade, assim como a sua ligação à utilização da Internet. Este conhecimento poderá ajudar a melhorar as práticas de profissionais da área da psicologia, e não só, assim como contribuir para o desenvolvimento de estratégias e medidas de prevenção de comportamentos criminais de consumo e/ou partilha de pornografia com conteúdos ilícitos, designadamente a pornografia infantil.

Potenciais riscos

Este estudo rege-se pelos princípios éticos e deontológicos que devem nortear toda a investigação científica, incluído os princípios fundamentais da beneficência e não maleficência, respeitando também o Regulamento Geral da Proteção de Dados e os princípios específicos referentes à investigação em Psicologia, estabelecidos pelo Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Assim sendo, não se antecipam riscos para os/as participantes. No entanto, se alguma das questões não o/a deixar confortável, se considerar que a resposta a este questionário é, de alguma forma, perturbadora ou que gera desconforto, poderá interromper a sua participação a qualquer momento ou prosseguir sem responder a essa questão específica. A desistência de preenchimento ou o não preenchimento de uma ou mais questões, não acarretará qualquer prejuízo para si.

Anonimato/Confidencialidade

Para a prossecução do estudo, solicitamos a sua colaboração, caso tenha mais de 18 anos, através do preenchimento de um breve questionário com uma duração de, aproximadamente, 10 min. Toda a informação recolhida neste estudo será tratada de forma totalmente anónima e confidencial e será utilizada exclusivamente para fins científicos, não se procedendo à identificação de nenhum/a participante. Estes dados serão conservados apenas durante o tempo necessário à concretização do estudo e defesa da tese de mestrado e serão arquivados de forma segura e seguindo as regras de proteção de dados pessoais.

Os resultados finais da investigação, resultantes da análise integrada de todos os questionários recolhidos durante o estudo, servirão de base à produção de trabalhos científicos e poderão ser usados no âmbito da docência e da formação, publicados em formato de tese, livro ou artigo científico ou apresentados em conferências/eventos científicos.

Agradecemos desde já a sua colaboração, que é fundamental para nos permitir ter um maior conhecimento sobre esta realidade.

(questão obrigatória)

☐ Declaro que li as informações sobre o estudo, me considero informado/a sobre ele e que aceito participar, respondendo a este questionário.

(questão obrigatória)

☐ Declaro que tenho mais de 18 anos.

Antes de iniciar o preenchimento do questionário, por favor, indique-nos alguns dados de caracterização sociodemográfica:

Idade* _____

Sexo* Feminino ☐ Masculino ☐

Escolaridade máxima alcançada*

- 1º Ciclo do Ensino Básico / Ensino Primário / 4.º ano ☐
2º Ciclo do Ensino Básico / 6º ano ☐
3º Ciclo do Ensino Básico / 9.º ano ☐
Ensino Secundário / 12.º ano ☐
Licenciatura – a frequentar ☐
(por favor indicar o ano _____ e o curso _____)
Licenciatura – concluída ☐
(por favor indicar o curso _____)
Mestrado ou Doutoramento ☐

Agregado familiar:

- Vivo sozinho/a ☐
Vivo com os meus pais (um ou ambos) ☐
Vivo com os meus pais (um ou ambos) e um ou mais irmã(os) ☐
Vivo com um/a companheiro/a ☐
Vivo com um/a companheiro/a e filho(s) ☐
Vivo com o(s) meu(s) filho(s) ☐

Outra situação _____

Profissão _____

Nacionalidade _____

Distrito de residência _____

Questionário

Parte I – utilização da Internet*

1. Com que idade começou a utilizar a Internet? * _____
2. Com que regularidade costuma utilizar a Internet?*

 - ☐ Diariamente
 - ☐ 2 a 3 vezes por semana
 - ☐ 4 a 8 vezes por mês
 - ☐ 2 a 3 vezes por ano

3. Quais os dispositivos que costuma usar mais frequentemente para aceder à Internet (pode escolher mais do que uma opção)?*

 - ☐ Computador pessoal
 - ☐ Computador laboral
 - ☐ Computador público (por exemplo, em cibercafés)
 - ☐ Tablet pessoal
 - ☐ Tablet laboral
 - ☐ Telemóvel / smartphone pessoal
 - ☐ Telemóvel / smartphone laboral

4. Habitualmente acede à Internet para (pode escolher mais do que uma opção):*

 - ☐ Trabalhar /Estudar
 - ☐ Informar-se (ler ou ver notícias, telejornais, etc)
 - ☐ Atividades de lazer (ver ou descarregar filmes, músicas, jogos, etc)
 - ☐ Comunicar com outras pessoas
 - ☐ Utilizar “redes sociais”
 - Outro(s) _____

5. Costuma aceder a sites ou chats específicos de contactos / partilhas com outras pessoas?
- 5.1. Se sim, frequenta sites/ chats de (pode escolher mais do que uma opção):*

 - ☐ Jogos online
 - ☐ Sites de encontros / comunicação com determinados grupos de pessoas (por favor, especificar qual _____)
 - ☐ Partilha de filmes, séries, músicas, etc
 - ☐ Procura, visionamento, partilha de pornografia (fotografias, vídeos, filmes ...)
 - Outros _____

Parte II – Consumo de pornografia*

1. Alguma vez visualizou / consumiu pornografia ou conteúdos pornográficos? *

☐ Sim

☐ Não

[se responder não, vai para o fim do questionário - agradecimento]

2. Com que idade visualizou pela primeira vez pornografia / conteúdos pornográficos?* ____

3. Quando consome pornografia / materiais pornográficos fá-lo:*

☐ Sozinho/a

☐ Com um companheiro/a, namorado/a

☐ Com um/a amigo/a(s)

☐ Em grupo

Outros _____

4. Que meios utiliza para aceder aos conteúdos pornográficos? (pode escolher mais do que uma opção)*

☐ Sites pornográficos

☐ Chats ou outros canais de comunicação online

☐ Canais de distribuição em tempo real / *live* / *streaming*

☐ Canais televisivos

☐ Revistas, jornais, fanzines ou livros

Outros _____

5. Com que regularidade consome pornografia / materiais pornográficos:*

☐ Todos os dias

☐ 2 a 3 vezes por semana

☐ 1 vez por semana

☐ 2 a 3 vezes por mês

☐ 1 vez por mês

☐ Menos de 1 vez por mês

6. O que o/a levou / leva a consumir pornografia / materiais pornográficos? (pode escolher mais do que uma opção)*

☐ Curiosidade

☐ Influência de amigos/as

- ☐ Estímulo sexual pessoal / procura de excitação, estando sozinho/a
- ☐ Estímulo ou excitação sexual, estando com um ou mais companheiro/a(s)
- ☐ Aprender a desempenhar determinados atos sexuais
- Outros _____

7. Prefere pornografia / materiais pornográficos envolvendo atos sexuais (pode escolher mais do que uma opção):*

- ☐ Heterossexuais
- ☐ Homossexuais femininos
- ☐ Homossexuais masculinos
- ☐ Em grupo
- ☐ BDSM (por exemplo, dominação, *bondage*, sadomasoquismo)
- ☐ Que envolvam algum tipo de fetiche
- ☐ Que incluam algum tipo de violência

Outros _____

8. Já alguma vez encontrou, mesmo que acidentalmente (em filmes, livros, redes sociais, chats ou sites de pornografia geral, etc), alguma referência a conteúdos pornográficos que envolvessem menores de idade?*

- ☐ Sim
- ☐ Não

[se responder não, vai para o fim do questionário - agradecimento]

9. Já alguma vez recebeu / pesquisou / viu / acedeu voluntariamente a conteúdos pornográficos que envolvessem menores de idade?*

- ☐ Sim
- ☐ Não

[se responder não, vai para o fim do questionário - agradecimentos]

9.1. Se sim, qual a sua reação?

- ☐ Não teve curiosidade de aceder / ver os conteúdos
- ☐ Teve curiosidade e abriu para ver o tipo de conteúdos existentes
- ☐ Visionou parte ou a totalidade dos conteúdos referidos / disponíveis

Outros _____

9.2. Acedeu a esses materiais *online* ou *offline*?

- ☐ *Online*
- ☐ *Offline* (em que suporte? _____)

☐ Ambos

9.3. Com que regularidade o fez / faz:

- ☐ Todos ou quase todos os dias
- ☐ Mais de uma vez por semana
- ☐ Pelo menos 1 vez por semana
- ☐ Mais de 1 vez por mês
- ☐ Pelo menos 1 vez por mês
- ☐ 2 a 5 vezes por ano
- ☐ Aconteceu apenas uma vez

10. Nos visionamentos *online*, como acedeu/acede a esses chats / sites (pode escolher mais do que uma opção):*

- ☐ Através de pesquisa em motores de busca, com palavras-chave
(Que palavras-chave usou/usa? _____)
- ☐ Seguindo indicações de amigos/as
- ☐ Seguindo indicações de pessoas que partilham os mesmos gostos
- ☐ Seguindo indicações de grupos de Facebook, Instagram, WhatsApp, etc
- ☐ Tem sites / chats preferidos que utiliza repetidamente
- Outros _____

11. Quando visiona pornografia envolvendo menores de idade, procura conteúdos com (pode escolher mais do que uma das seguintes opções):*

- ☐ Raparigas
- ☐ Rapazes
- ☐ Menores de ambos os sexos
- ☐ Apenas menores
- ☐ Menores e adultos

11.1. Quando visiona pornografia envolvendo menores de idade prefere que esta envolva atos sexuais (pode escolher mais do que uma opção):*

- ☐ Heterossexuais
- ☐ Homossexuais femininos
- ☐ Homossexuais masculinos
- ☐ Em grupo
- ☐ BDSM (e.g., *bondage*, dominação, sadomasoquismo)
- ☐ Que envolvam algum tipo de fetiche
- ☐ Que incluam algum tipo de violência

Outros _____

11.2. Já alguma vez produziu conteúdos / materiais de pornografia (e.g., fotografias, vídeos) envolvendo menores de idade?*

- ☐ Sim
- ☐ Não

11.3. Já alguma vez partilhou com outras pessoas conteúdos / materiais (e.g., fotografias, vídeos) de pornografia envolvendo menores de idade?*

- ☐ Sim
- ☐ Não

11.4. Se sim, fê-lo através de (pode escolher mais do que uma opção):

- ☐ Redes sociais
- ☐ Sites, chats ou outros meios de comunicação geral com terceiros
- ☐ Canais de distribuição em tempo real / *live* / *streaming*
- ☐ Grupos, sites ou chats de pornografia geral
- ☐ Grupos, sites ou chats específicos de pornografia envolvendo menores de idade
- ☐ Outro _____

11.5. Sente-se desconfortável com o consumo ou partilha de conteúdos pornográficos envolvendo menores de idade?

- ☐ Sim
- ☐ Não

12. Alguma vez teve receio de que esses acessos / visionamentos / consumos / partilhas de pornografia com menores pudessem ter consequências negativas para si?

- ☐ Sim
- ☐ Não

12.1. Em caso afirmativo, teve:

- ☐ Receio de que algum familiar / amigo soubesse e reagisse negativamente
- ☐ Receio de que fosse detetado por autoridades policiais / judiciais e isso acarretasse consequências legais
- ☐ Receio de que alguém envolvido nesses sites /chats / conteúdos o/a identificasse e fizesse algum tipo de pressão ou chantagem
- Outros _____

13. E alguma vez esses acessos / visionamentos / consumos / partilhas de pornografia com menores tiveram, efetivamente, algum tipo de consequência negativa para si?

☐ Sim

☐ Não

[se responder não, vai para o fim do questionário - agradecimentos]

13.1. Se sim, que tipo de consequência / problema:

☐ Implicações na sua vida pessoal (Quais _____)

☐ Implicações laborais (Quais _____)

☐ Implicações judiciais (Quais _____)

Outras _____

14. Além do consumo de pornografia, alguma vez procurou estabelecer contactos diretos / pessoais com menores de idade, para fins sexuais?*

☐ Sim

☐ Não

[se responder não vai para o fim do questionário - agradecimentos]

15. Concretizou esses encontros?*

☐ Sim

☐ Não

Muito obrigada pela sua colaboração!